

# A ética de Jesus Cristo na perspectiva do reino de Deus

*The ethics of Jesus Christ from the perspective of the kingdom of God*

*Erike Santos Aristides<sup>1</sup>*

**Resumo:** A prática do amor de Deus traduzido em gestos concretos de misericórdia revelados em Jesus despertava, na consciência das pessoas, um novo horizonte de esperança e perspectiva de vida, obviamente, contrários aos princípios norteadores dos líderes anti-reino. A proposta da pregação de Jesus consiste, justamente, na instauração do reino de Deus, conforme um novo protótipo de vida e estilo, onde seria estabelecida a justiça, o direito, à igualdade, a fraternidade aos órfãos, viúvas, imigrantes, ou seja, aos pobres, em diversas formas de opressão e exploração. Aparentemente, a busca de Jesus de Nazaré pela dignidade, libertação e integridade humana, resultará em um grande fracasso histórico, devido a sua execução planejada politicamente ter sido um fator contundente que, supostamente, suprimiria esse projeto salvífico.

**Palavras-chave:** Jesus Cristo; Reino de Deus; Salvação

**Abstract:** The practice of God's love translated into concrete gestures of mercy revealed in Jesus awakened in people's consciousness a new horizon of hope and perspective of life, obviously contrary to the guiding principles of anti-kingdom leaders. The proposal of the preaching of Jesus consists precisely in the establishment of the kingdom of God according to a new prototype of life and style, where justice, law, equality, fraternity, orphans, widows, immigrants, various forms of oppression and exploitation. Apparently the pursuit of Jesus of Nazareth for human dignity, liberation and integrity will result in a major historical failure because its politically planned execution was a blunt factor that supposedly suppressed this salvific project.

**Keywords:** Jesus Christ; God's Kingdom; Salvation.

---

Artigo recebido em: 29 janeiro de março 2019

Aprovado em: 13 de set. de 2021

## Introdução

Esta reflexão sobre Jesus Cristo, que em sua época anunciou o Reino de Deus instaurado no amor e na prática da misericórdia, nos impulsiona a refletir sobre suas palavras e ações, e a posicionar-nos, de modo integral, frente aos novos desafios da atualidade, levando em consideração os inevitáveis confrontos com os que são contra, de fato, a utopia do Reino de Deus, na Terra. Muitos cristãos contradizem absolutamente os reais interesses de Jesus, ou seja, nada fazem para a promoção e a dignidade humana, sobretudo, a dos mais pobres, afetados diretamente pelos sistemas corruptos.

Jesus causou incômodo às autoridades político-religiosas. Seu procedimento desestabilizou, radicalmente, o sistema estrutural da civilização obcecada pelo conforto e riqueza, à custa da exploração dos pobres, em diferentes facetas. Por conseguinte, o poder político e religioso acabara prendendo, torturando e assassinando Jesus.

### 1. A terminologia: Reino de Deus

A princípio, busquemos avaliar a etimologia da palavra “reino”, por meio de duas significativas línguas, para assim realizarmos uma equivalência do termo, nos assuntos que serão desdobrados, com a finalidade de estabelecer uma autêntica apreensão da refletida especulação. A palavra “reino” (gr. Basileia;hebr.Malkut) significa “reinado” ou “domínio, porém, o sentido original da expressão aqui explicitada denota especificamente o reinado de Deus.<sup>2</sup>

Na atualidade, a definição de Reino de Deus está cada vez mais complexa, cuja conseqüência, advém dos influxos e circunstâncias de épocas, devido a vicissitudes históricas, muitas vezes abordar uma idéia ao sabor das conveniências de interesses de dominadores, em face dos dominados. A terminologia teológica, que diz respeito ao reino, requer uma hermenêutica atualizada, no intuito de ressignificar o real valor explícito na elaboração do conceito, a fim de estabelecer o que de fato o Reino de Deus representava na doutrina de Jesus, aplicada num processo construtivo de sentido para o presente momento.

---

<sup>2</sup> L.MCKENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo. Paulus, 1983, p. 787.

Na controvérsia bíblica – teológica, no que concerne ao reino, nos períodos modernos, identificamos três fundamentos distintos, que se complementam. São eles: o reino como noção, o reino como símbolo e um aspecto inovador hermenêutico: o reino vinculado à libertação. Vejamos, portanto, como os desdobramentos das diferentes perspectivas, expressos num caráter pessoal, contribuem para uma visão conjunta do assunto efetuado.<sup>3</sup>

O reino como noção. A estatística fomenta que este primeiro aspecto contém uma análise descritiva, como que “canalizada no autor”. Isso implica decifrar o que os autores da Bíblia compreendiam, com essa concepção. A expressão Reino de Deus concebida nesse âmbito conceitual requer, de certa forma, como pano de fundo, uma elaboração evidente e consistente dos fatos idealizados; um exemplo bem claro desse paradoxo se dá na subjetiva compreensão da ação de Deus na história de Israel, a partir da concepção de Reino de Deus, como operação final, em nível escatológico e contundente, a fim de efetuar as promessas provenientes dos profetas. Essa via nocional objetiva analisar o reino, segundo a perspectiva de Jesus, provindo da idéia subjetiva que se obtém Dele mesmo<sup>4</sup>.

A questão proposta para discussão e resolução está em desvendar o que realmente representava a concepção de Reino de Deus na doutrina de Jesus, não obstante sempre por meio de parábolas, permitindo-se, assim, interpretações diversas, sobretudo de acordo as conveniências de poder ou de construção de fé.

O contexto histórico de Jesus era um, mas, na evolução histórica, outros contextos de exploração, de opressão e produção de desigualdades continuaram a existir. Daí a importância do valor polissêmico das palavras, nas parábolas de Jesus. Portanto, se não for feita uma interpretação meramente fundamentalista de suas palavras, as parábolas podem ser ressignificadas

O reino como símbolo, segundo uma perspectiva definida, é “centrado no texto”. Sugere-se desvendar o que o texto diz de si mesmo, em sentido autêntico. Aplicar, portanto, o reino como um símbolo, pressupõe dimensões polissêmicas, com um grau inesgotável de interpretação. Isso, porque o elemento instrumental

---

<sup>3</sup> N. Perrin. In: FISICHELLA, Rino e LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994, p. 738.

<sup>4</sup> SOBRINO, Jon. *Centralidad del reino de Dios*. In: ELLACURIA, Inácio e SOBRINO, Jon. *Myterium Liberationes: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, v.1,1990, p. 447.

de acesso a Deus é o próprio aspecto simbólico; o enfoque religioso, associado a outras áreas do saber correlacionadas, contém as ferramentas que dão sentidos aos sinais representativos que, de modo direto e indiretamente, desvela-se algo além de nós mesmos, situado no mundo visível e invisível. O reino configurado como um símbolo suscitava, em Israel, a memória da atuação de Deus, vislumbrada numa perspectiva concreta do evento apocalíptico de Deus, na história da salvação.

O reino como libertação. Esta definição focal deste terceiro aspecto está “centrado no autor”. O especialista da área chamado de teólogo da libertação esforça-se para articular a proposta do Reino de Deus, em intrínseca relação com a práxis da libertação na história, ou seja, a vivência concreta da fé não está dissociada da existência humana, tampouco da realidade sociopolítica. Os ensinamentos de Jesus possuem caráter transformador que, de fato, respondem às necessidades de todos os tempos, enquanto promove uma utopia, ou seja, uma sociedade de justiça social, portanto, uma sociedade sem explorados, nem exploradores do trabalho humano, igualitário, que beneficiasse as pessoas, em diferentes níveis, cuja dignidade humana encontrara-se eficazmente integrada. Segundo o relato de J. Fuellenbach:

Propõe – se recuperar a dimensão histórica da mensagem de Deus e libertar esta mensagem de todo universalismo abstrato, a fim de que a mensagem bíblica possa dar uma resposta melhor ao mundo de opressão e as estruturas de uma ordem social injusta.<sup>5</sup>

As atitudes evangélicas de Jesus expressadas por atos de misericórdia correspondem aos apelos da pessoa marcada, diversamente, por conflitos de ordem moral e social. A fome e sede de justiça comporta um caráter transformador, voltada para um caminho repleto de sentidos, tendo por objetivo a busca da concretização utópica do Reino de Deus na Terra. Iniciativas como comprometimento com a justiça social, frente aos múltiplos conflitos presentes em nossa realidade, retrata a fidelidade dos ensinamentos de Jesus, de modo concreto, com ações fiéis às palavras e ações do próprio Jesus Cristo, em face de possíveis alternativas encorajadoras, nesse processo de inclusão comunitária dos marginalizados, em sociedade, capaz de despertar potencialidades

---

<sup>5</sup> FUELLENBACH, John. Hermeneutics. In: FISICHELLA, Rino e LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994, p. 739.

que ignoramos, quando o assunto em questão, trata de lutar pelo direito dos mais pobres, em diferentes circunstâncias.<sup>6</sup>

O Reino de Deus, explanado nos evangelhos, associa-se à plenificação da vontade de Deus, exercida concretamente pelos atos e palavras de Jesus. O senhorio de Jesus significa, no entanto, não uma realidade fechada ou restrita a um espaço imaginário ou reservado a um "povo" exclusivo, mas, está ao alcance de todos os seres humanos, ampliado em novos horizontes de salvação, em múltiplos aspectos: religioso, moral e social.<sup>7</sup>

A realeza de Deus, mediada pela divindade e humanidade de Jesus, deve estar presente no respectivo modo de agir, a fim de governar para um mundo sem sofrimento, em decorrência de dominação e opressão; não é questão de um lugar específico, mas, de um comportamento diferenciado, absolutamente comprometido com a causa do reino, de tal forma que conduza à verdade, à justiça e ao direito.<sup>8</sup>

As práticas e ações de Jesus, no que se referem aos variantes milagres, exorcismos, reconciliação e inúmeras curas, revelam uma inovadora concepção de Reino de Deus que está, não obstante próximo, mas anunciado e realizado, no aqui e agora, assim, uma ótica distinta e puramente profética, desloca a compressão de uma realidade escatológica, transformando-a em realidade histórica-humana, concretamente acessível, e palpável aos graus de esperanças.<sup>9</sup>

## **2. A centralidade do anúncio de Cristo**

A primeira instância a ser analisada, quando falamos do enfoque da mensagem de Jesus de Nazaré, consiste em evidenciar que Jesus não fez de si mesmo o alvo principal de sua pregação e

---

<sup>6</sup> SOBRINO, Jon. *Centralidad del reino de Dios*. In: ELLACURIA, Inácio e SOBRINO, Jon. *Myterium Liberationes: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, v. 1, 1990. p. 483.

<sup>7</sup> SCHNACKENBURG .R. *El testimonio moral del Nuevo Testamento*. In: *Enciclopedia de la Etica e Moral Cristianas*. Madrid: RIALP, S. A. 1965, v. 7, p. 10.

<sup>8</sup> DUPUIS, Jacques. *Introdução à cristologia*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 2004, p.60.

<sup>9</sup> DUPUIS, Jacques. *Introdução à cristologia*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 61.

missão. Jesus vivia a serviço de algo diferente de si mesmo, sempre impulsionado para além de suas razões subjetivas.<sup>10</sup>

O termo que sintetiza e, ao mesmo tempo, abrange a centralidade da missão professada na vida de Jesus Cristo, consistiu na propagação do Reino de Deus, que se fundamenta na prática do amor e da procura da efetivação da justiça, o que está expresso nos seus discursos, exortações e parábolas.<sup>11</sup>

O ministério de Jesus tornou-se uma boa notícia, denominada como Reino de Deus. O modo específico de atuar, nas circunstâncias da época, resgatava no povo a esperança escatológica, ainda meio obscura e implícita à chegada do messias, caracterizada numa nova perspectiva de anúncio e aplicabilidade. Jesus radicaliza a visão profética de Deus do Primeiro Testamento, e, por sua atuação no mundo, de maneira surpreendente, continua a retroalimentar as expectativas já proclamadas no movimento empreendido pelo profeta João Batista, numa configuração completamente renovada.<sup>12</sup>

Jesus faz menção à realidade do Reino de Deus, a partir de suas parábolas. Enquanto seu precursor anuncia que Deus já vem, Jesus proclama que o Reino de Deus está próximo. Vejamos algumas expressões: “Em verdade vos digo: alguns dos presentes não sofrerão a morte, até que vejam chegar, com poder, o reino de Deus”. Em suas analogias fomenta que o tempo da colheita já chegou (Mt 9, 37), que não necessita jejuar, porque o noivo está presente (Mc 2, 18 – 20), que chegou o vinho novo (Mc 2, 22). A questão de expulsar os demônios, também está vinculada à presença do Reino de Deus (12, 28), e, certamente, o Reino de Deus está no meio de vós (Lc 17, 21).<sup>13</sup>

Dentre outras parábolas elaboradas por Jesus, as referentes ao reino são as que possuem um aspecto mais provocativo e inquietante. Jesus, não obstante esperar o Reino de Deus, dizia, da mesma forma, que está próximo, porque o reino não se limita simplesmente ao âmbito de uma esperança longínqua, mas, de convicção assegurada.<sup>14</sup> É importante ressaltar, e porque não frisar, a configuração exata do pensamento de Jesus, acerca do governo de Deus. Na expressão "O Reino está entre vós", conserva-se a idéia autêntica redigida segundo o evangelho de Lucas e, por estatísticas

---

<sup>10</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 105.

<sup>11</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 106.

<sup>12</sup> PAGOLA, José Antônio. *Jesus: Aproximação histórica*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 102-103.

<sup>13</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 119.

<sup>14</sup> JEREMIAS. J *apud* SOBRINO, 1996, p. 119.

consensuais. Porém, em algum momento, passou a traduzir-se de modo equivocado: “O Reino de Deus está dentro de vós”. Essa compreensão deturpou a concepção primeira de Jesus, restringindo a idéia de Reino de Deus a uma experiência espiritual, simplesmente isolada no íntimo de um indivíduo que se deixa ser alcançado por Deus. Muito pelo contrário, busca-se, em contrapartida a essa noção fechada, alargar a consciência de todos, do plano salvífico, partindo da intervenção de Deus, não num formato apocalíptico, terrível, mas caracterizada por força libertadora, em prol da vida, palpável a todos os povos e nações dispostos a abraçarem esse novo projeto de vida e de sociedade, num sentido universal.<sup>15</sup>

Portanto, segundo as recentes pesquisas, outorga-se à lógica de Jesus, este seguinte pensamento: “O reino de Deus está dentro e fora de vós”.<sup>16</sup> De fato, a adesão ao Reino de Deus pressupõe, a princípio, uma receptividade interior às pessoas, numa crença crescente em Jesus, a fim de concretizar-se na vida do gênero humano, desde que o mal seja subjogado, pela justiça emancipada de Deus.

O resultado das ações de Jesus produzira efeitos de conversões inevitáveis, sobretudo, no que concerne ao movimento dinâmico efetuado pelos seus comportamentos de fácil acesso às pessoas de diferentes personalidades, por intermédio da dimensão do “encontro”, no intuito de despertá-los para a nova proposta do Reino de Deus. O incansável ardor de Jesus, a serviço do reino— contra o antirreino, em prol dos mais rechaçados e excluídos, afetava as profundezas do ser humano, e os conduziam para além de suas impressões, cujas finalidades resultavam em contundentes mudanças, no âmbito do comportamento e mentalidade inovadores, que diferenciavam, de antemão, das atitudes dos fariseus - escribas e doutores da lei, já mencionados nas Sagradas Escrituras.<sup>17</sup> Jesus portanto, traduziu os conceitos “divinos” em gestos concretos e, estabeleceu a veracidade do Deus “remoto”, em presença salvífica, em sentido coletivo, e não propriamente subjetivo.

### **3. A ética de Cristo**

---

<sup>15</sup> PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. 6<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 122- 123.

<sup>16</sup> O Evangelho [apócrifo] de Tomé 3. In: PAGOLA, José Antônio. *Jesus: Aproximação Histórica*. 6<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 123.

<sup>17</sup> SOBRINO, Jon. Centralidad del reino de Dios. In: ELLACURIA, Inácio e SOBRINO, Jon. *Myterium Liberationes: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, v.1,1990, p. 485.

A ética participa do conjunto de conhecimento adquirido na história da humanidade, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido; faz parte do desenvolvimento gradativo, no que diz respeito ao ser humano, potencialmente propenso aos princípios morais, porém, decodificados, conforme as múltiplas realidades sociais, culturais, econômicas, profissionais etc. É relevante destacar que a ética, por vezes, sofre períodos mais críticos, com relação às crises do sistema econômico, e a conseqüente exploração de uma classe, por outra, opressões e violências daí decorrentes, e outras, mais subjetivas, dependendo do contexto em que se vive e da posição assumida, com relação ao contexto maior, problemático e conflituoso.<sup>18</sup>

A ética de Jesus apresenta-se como um novo paradigma para a sociedade judaica. Essa iniciativa desestrutura os procedimentos arcaicos, até então praticados pelos líderes do Templo. A forma com que Jesus se relacionava com as pessoas escravizadas, excluídas, doentes e miseráveis despertava, de certo, uma grande admiração nesse grupo social, mas, ao mesmo tempo, enormes conflitos com as autoridades religiosas locais. Porém, os ensinamentos de Jesus, seguidos por atos e palavras, reivindicavam a veracidade da vivência dos valores evangélicos expressados, em um aspecto mais legítimo, a fim de reorientar ou ressignificar a vida dos crentes, de um modo mais livre, digno e autêntico, com base em seu projeto.<sup>19</sup>

Não somente no tempo de Jesus, mas também no presente, existem vários equívocos éticos, inclusive religiosos, que perderam sua vivacidade substancial, que pouco ou nada fornecem para valorizar o ser humano. Há modalidades éticas fechadas em si mesmas, escravas de conceitos arcaicos estabelecidos, pura e simplesmente para fins normativos, que estão, de fato, desatualizados, em relação à necessidade atual. Ecoam regras neutralizadas, que não têm mais sentido, em si mesmas. Existem éticas camufladas e tendenciosas, que vivem às margens da sociedade e da lei, que admitem como autênticos diversos crimes, fraudes, atitudes e ações repugnantes. Contudo, enquanto subsistir a ética legítima, segundo os procedimentos de Jesus - nítida à consciência humana, os valores fundamentais da vida serão

---

<sup>18</sup> ARDUINI, Juvenal. *Ética responsável e criativa*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 41.

<sup>19</sup> CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 14.



norteados eticamente, humanamente, no itinerário de cada indivíduo.<sup>20</sup>

Jesus nos impulsiona a voltar para as origens, e, conseqüentemente, “partir” para reflexões acessíveis e persuasivas a favor da vida, confrontando-se corajosamente com os paradoxos de “verdades” que, no fundo, são voltadas a interesses pessoais e não coletivos, como era muito bem representado pelos agentes do Templo. Contudo, a ética de Cristo não se omite diante dos “poderosos”, que, assiduamente, buscam substituí-la, pelo poder opressivo.

Jesus dignifica a vida de todos os seres humanos, e a felicidade consiste em fazer os outros felizes, tanto no nível pessoal, quanto coletivo, numa vida de desfrute, por todos os seres, dos bens da Natureza, obra do Pai Criador. E que a grande alegria é amar, tanto o próximo, como a si mesmo, a ponto de o amor ser mais forte que a própria morte. Esse é o exemplo e a lição de Jesus para seus seguidores. Assim como bem expressa o autor, José M. Castillo:

A ética de Jesus é a ética da vida, do prazer e do desfrute da vida. Jesus não foi um asceta do deserto. Nem foi um penitente que castigava seu corpo, como o fazia o Batista. Jesus acreditava na vida. E queria (e quer) que todos vivamos e gozemos da vida. O que acontece é que todos querem desfrutar ele próprio, ele, acima de tudo. E a muitos, pouco importa o que os demais passem bem ou mal. A ética de Jesus é a ética do prazer de viver para todos, do prazer compartilhado por todos, sem excluir ninguém. Isso é o que mais custa assumir e aceitar como projeto de vida, porque a ascética mais dura não é a da renúncia, mais sim a da doação.<sup>21</sup>

Cada indivíduo possui uma respectiva identidade, por vezes, fragmentada por decorrentes atrocidades sociais, ferida de tantos princípios equivocados, que deturpam os valores primitivos da ética; em contrapartida, a dignidade humana reivindica os direitos de justiça, frente a tantas calamidades, misérias, e tráfico humano, para fins de exploração. Tais procedimentos corrompem diretamente a humanidade e a razão de ser, de muitos que perderam o sentido de suas vidas. Sucede que a ética de Jesus, felizmente, possui a capacidade de restituir, para quem o procura, o conceito de dignidade de cada pessoa, proporcionando-lhes novos enfoques, abrindo-lhes horizontes e desenvolvendo, sobretudo, a subjetividade seqüestrada pela indiferença contemporânea. A ética libertadora de Cristo, de fato, restabelece o conjunto de caracteres que fazem

---

<sup>20</sup> CASTILLO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 18.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 20.

reconhecer o indivíduo em sua substância original e o ajudam a desligar-se da cômoda especulação, para tornarem-se agentes ativos, em favor das praticidades morais.<sup>22</sup>

A ética de Jesus é um movimento constante, que se articula positivamente, entre os indivíduos que a procuram vivenciar, conferindo aos indivíduos, perspectivas maiores de sentidos. O evangelho denota o nexos profundo da ética em Jesus para estender amplamente às etnias, seu projeto referente ao Reino de Deus. A humanidade é convocada a modificar a existência e a sociedade para remontar o seu sistema ético, a fim de produzir ações decisivas, em vista de uma sociedade mais madura, com pessoas conscientes dos seus deveres; responsabilidade mútua, adquirida em virtude da valorização humana que, aos poucos, resgata os valores esquecidos, por muitos, em decorrência do sistema corrupto, instalado nas áreas epistemológicas; ou seja, “existem maneiras de viver e agir, que possibilitam a realização do reinado de Deus na sociedade. E isso vale, tanto para as pessoas religiosas, como para as que não o são”.<sup>23</sup>

A dignidade humana não deixa de ser um dos focos centrais das exposições éticas argumentativas de Jesus, a favor da vida; isso porque a ética de Jesus fundamenta-se, sobretudo, na fé em Deus, frente aos comportamentos imorais, assiduamente praticados, ausentes de censura austera, separados da normatividade e da justiça, que comprometem, não somente a povos ou pessoas vizinhas, mas, toda a humanidade; sobretudo em uma nação carente de referências baseadas no comprometimento solidário, na benevolência e na reciprocidade, que garantam a vivacidade ética, em face da complexidade humana.<sup>24</sup>

A ética progride, na medida em que se transfigura em legitimidade evangélica, para que haja prudência e moderação, no agir próprio do homem e da comunidade. A ética é desenvolvimento da vida humana. Logo, humanidade e ética, eminentemente, se complementam. Estes relatos efetivos, de justiça social cultivados na civilização, é a própria lógica da humanização.<sup>25</sup> Contudo, há vertentes ideológicas a reduzir o gênero humano, em sua complexidade existencial, que informa e educa sobre as sociedades, apenas com conceitos reducionistas e fragmentados, realçando

---

<sup>22</sup> CASTILLO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 23.

<sup>23</sup> ESTRADA, J. Antônio. *Da salvação a um projeto de sentido: como entender a vida de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 95.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>25</sup> ESTRADA, J. Antônio. *Da salvação a um projeto de sentido: como entender a vida de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 34.

defeitos e culpas e escondendo as suas causas, em vista da produção intencional de uma mentalidade medíocre, mantenedora do senso comum (visão fragmentada e incoerente do real, sem perceber as contradições e interesses ocultos, em cada fato), ignorando a amplitude da essência humana racional, que engloba todos os aspectos, não só a expressividade, consciência, liberdade, responsabilidade, e caridade, como também os sentimentos: tristeza, dor, solidão, medo etc. Cabe ao ser humano usufruir e zelar pelo horizonte humano, em sua totalidade. Consiste em interpretar, com originalidade, o sentido mais absoluto da vida humana. Apesar de a vitalidade humana ser exuberante, fechar os olhos diante de circunstâncias hediondas agravará, ainda mais, a realidade.<sup>26</sup>

A ética cristã expressa o caráter da compaixão, que remete à idéia de se pôr um, na pele do outro, e sofrer com o outro, pelas absurdas injustiças, não somente pelas dores individuais, mas, também, pelo direito à lógica da partilha dos bens, das experiências exitosas, de modo que se amenizem os males catastróficos, decorrentes da busca egoística, “cega” de conforto e riquezas, pelas classes socialmente capitalistas; capitalismo financeiro este, como fala o papa Francisco, que a cada instante “coisifica” as pessoas e ameaça destruir o planeta, pela avidez de lucro. Assim, ao acumular dinheiro, produzindo mais pobreza, miséria, trabalho escravo da população, sobretudo nos países periféricos desse sistema econômico neoliberal dominante, o mais das vezes, à custa de corrupção, tal acumulação de riquezas e lucro exigirá a expansão para novas produções, de bens para consumidores sofisticados, que, em decorrência disso, além da ampliação da miséria, esgotará as riquezas naturais, produzindo, em consequência, o desequilíbrio ambiental e climático, ameaçando os seres vivos do nosso planeta.<sup>27</sup>

A ética de Jesus corrobora um novo método de atuação no mundo, a fim de renovar a estrutura social predominante, muitas vezes incumbida de consolidar as operações desumanas, instaladas, praticamente, em quase todo estabelecimento sociopolítico, e socioeconômico, baseado no lucro e na propriedade privada, dos bens de produção. São fatores preocupantes que possivelmente se agravem, com consequências nocivas à integridade e à dignidade humana. A proposta evangélica consiste, justamente, em lançar luzes frente a tais mecanismos, no respectivo agir ético de Jesus, segundo

---

<sup>26</sup> ARDUINI, Juvenal. *Ética responsável e criativa*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 113.

<sup>27</sup> Exortação apostólica. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 57-58, p. 51.

a perspectiva do Reino de Deus, cujo poder de transformação enriquece e enobrece a pessoa, em condições até mais deploráveis de sentido existencial-humano.<sup>28</sup>

Portanto, a ética de Cristo remete à fundamental responsabilidade do ser humano em assumir mutações crescentes, em vista da sua evolução gradativa de humanização. Com essa motivação, o homem elabora elementos dinâmicos, que o incita a converter-se à origem antropológica – sentir, pensar e agir eticamente. A finalidade desse processo equivale à personalidade integrada, a partir de Jesus, consciente do seu ser e agir no mundo, em contrapartida a todos que procuram degradar e empobrecer o valor dos seres humanos, em contínuo desenvolvimento. Este movimento de Jesus requer exigências que tenham respaldo plausível na sociedade em que tais comportamentos evangélicos denotam o autêntico discipulado sinalizado por perspectivas mútuas, com o aspecto revelador transcendente, formado pelos preceitos éticos e religiosos.<sup>29</sup>

#### **4. Os destinatários da missão de Jesus: os pobres, nos seus múltiplos rostos**

Afirmar que Jesus é o messias implica, simultaneamente, atribuir-lhe a postura equivalente à de um líder político capaz de governar o povo, conforme seus princípios de verdades e direitos naturais. Jesus, na realidade, tem um plano de regência, porém, fundamentado na vontade de Deus, absolutamente propenso aos clamores dos órfãos, viúvas, estrangeiros, e tantos outros excluídos que vivem às margens da sociedade. Toda a ação de Jesus consiste em garantir, de antemão, esse princípio norteador, capaz de favorecer a justiça, a paz, e a igualdade fraterna, a todos os semelhantes.

Todos os ensinamentos de Jesus resultam em conflitos e controvérsias, devido à sua perspectiva de vida evangélica e luta pela defesa da dignidade humana isenta de escravidão. Como Jesus assume, na prática, em palavras e ações, a causa dos excluídos, como pobre, no meio de pobres, conscientizando-os acerca de si mesmos e de como eram tratados e vistos pelo poder econômico, político e religioso, subverteu, e revolucionou a ordem injusta estabelecida. Os

---

<sup>28</sup> Exortação apostólica. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 180, p. 148-149.

<sup>29</sup> THEISSEN, Gerd. *Sociologia do movimento de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 16.

pobres, diferentemente dos adversários do Reino de Deus, também foram convidados a entrar na dinâmica da conversão, exigida, não a partir da modificação da estrutura de valores e ideologias oportunistas, mas, assistida no processo de abrir-se à Boa Nova de Jesus, através do qual, Deus irá libertá-los, no intuito de voltar a cultivar a esperança e contemplar, já no presente momento, novos horizontes de vida íntegra, em abundância, conforme a promessa de Jesus Cristo<sup>30</sup>.

Jesus anuncia o reino como boa notícia para os pobres (Lc 4, 18; cf. Lc 7,22; Mt 11, 5) e declara que o reino é dos pobres (Lc 6,20; cf. Mt 5,3). Com isto se estabelece uma fundamental correlação entre a boa notícia e seus destinatários privilegiados (ou únicos) que indiretamente faz compreender de que é que se trata na boa notícia. Se este reino é para os pobres; se a salvação vem não para os justos, mas para os pecadores; se os publicanos e as prostitutas chegam ao reino de Deus antes dos piedosos, então, na mesma situação destes destinatários será necessário encontrar - embora sub *specie contrarii* num primeiro momento - o que é central na boa notícia [...].<sup>31</sup>

Constata-se que, na pregação e vida de Jesus, há um chamado intrínseco, relacionado à sua opção pelos pobres, em diferentes facetas: leprosos, samaritanos, republicanos, pagãos, mulheres, doentes que, segundo a proposta do Reino de Deus, são os principais agentes da sociedade inovadora, que, para tanto, requer-se a conversão, de ambos os lados, como já mencionado.

Nos sinóticos ocorre, quase que mecanicamente, uma alteração de linguagem. Referem-se à pessoa do pobre, que gradativamente assume o rótulo postulado pelas elites sociais, atribuídas como uma classe de pecadores. Ocasionalmente pela escassez de recursos e péssima distribuição de renda para os respectivos desfavorecidos, que pouco ou nada usufruíam do que, segundo Jesus, deveriam servir ao bem comum. Em outras palavras, enquanto Jesus, por um lado, utilizava a terminologia “pobre”, os governantes e líderes religiosos acusavam de “pecadores”, no sentido completamente equivocado, para assim fundamentar os abusos decorrentes daquele sistema econômico, social, político e religioso, explorador e opressor. Com a ideia dominante de que os excluídos eram “pecadores”, para que o próprio oprimido e excluído se sentisse culpados pela sua sorte e destino. De

---

<sup>30</sup> SEGUNDO, J.L. *A história e recuperação de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 180.

<sup>31</sup> JON, Sobrino. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*. São Paulo: Loyola, 1985, p. 208.

certo modo, a população subjugada estava, de fato, sendo pensada e vivida por terceiros, em vista de suas próprias prerrogativas.<sup>32</sup>

Jesus desmascara essas estruturas de valores antirreino, camuflado por trás dessa posição social hipócrita. A prática de Jesus trouxe à luz realidades, até então latentes, do sistema ideológico dos judeus, que eram indiferentes à situação desumana daqueles que não pertenciam à elite do povo israelita. Esse anúncio evangélico conduziu, tanto os vitimados, como também dominadores, num grau maior de conscientização acerca da vida e de tudo que lhe implica. O itinerário traçado por Jesus é de notória relevância, em seu aspecto missionário, de serviço ao Reino de Deus, enfatizado na “opção pelos pobres”, que, de modo geral, resume todo o evangelho.<sup>33</sup>

De fato, as realidades dos pobres, em diferentes classes sociais, deixam de ser motivo de desordem nociva, a partir do momento em que se passe a questionar e responder as devidas razões da sua pobreza e de como se estrutura, efetivamente. Infelizmente, a maioria das pessoas está mais disposta a sujeitar-se, radicalmente, às normativas do sistema da elite política, como uma realidade última, imutável, sem possibilidade de melhoras, em lugar de comprometer-se com a causa dos fragilizados e injustiçados.

O Reino de Deus, na lógica de Jesus, vem ao encontro dos pobres e excluídos, embora sejam eles pecadores, pois, o sentido do amor misericordioso de Deus consiste, justamente, em libertá-los de suas circunstâncias hediondas.

Jesus se comporta sobranceiro frente às leis. Se elas auxiliam o homem, aumentam ou possibilitam o amor, ele as aceita. Se, pelo contrário, legitima a escravidão, ele as repudia e exige quebra. Não é a lei que salva, mas o amor: eis o resumo da pregação ética de Jesus. Ele desteologiza a concepção da lei; a vontade de Deus não se encontra só nas prescrições legais e nos livros santos, mas se manifesta principalmente nos sinais dos tempos (cf. Lc 12, 54-57). O amor que ele prega e exige deve ser incondicional para amigos e inimigos (Mt 5,44).<sup>34</sup>

Jesus ilustra o autêntico ideal de pessoa na perspectiva dos valores do Reino de Deus, no intuito primeiro, de concretizar a vontade divina. O componente vital do plano de Jesus se fixa em sua humanidade, tanto quanto a expressão histórica diz respeito à filiação divina. Tendo em vista que a humanização de Jesus concorre

---

<sup>32</sup> SEGUNDO, J.L. *A história e recuperação de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 186.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 216.

<sup>34</sup> BOFF, L. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 51.

para seu desenvolvimento divino, faz-se necessário, portanto, no âmbito das alternativas, aderir ou não a esse seu projeto e, precisamente, aplicar no itinerário da vida carente de significação e salvação.<sup>35</sup>

Jesus, então, revive os profetas que o antecederam, que combateram a opressão, o abandono dos princípios religiosos autênticos, voltados a um Deus transcendente e salvífico. O sentido do ser e agir de Jesus consistiu na fidelidade à sua missão e confiança total em Deus-Pai. Analisado por esse ângulo, a morte de Jesus, nesse sentido, foi resultado de algo, inevitável, irrevogável.<sup>36</sup> Jesus utiliza um método inovador e plausível, de teor libertador, que causara súbita conversão pessoal e social, em diferentes circunstâncias. Sujeitou-se à morte, por pregar o Reino de Deus. Foi preso, torturado e assassinado, por meio de coação brutal, pelos líderes religiosos de seu tempo e da elite do Império Romano.<sup>37</sup>

### **Considerações finais**

A proclamação do Reino de Deus, anunciado por Jesus, trouxe maiores expectativas de salvação e sentido de vida. A visão caótica e longínqua, que se tinha de Deus, passou a uma presença próxima e misericordiosa, por meio do paradigmático estilo de vida assumido por Jesus de Nazaré, alargando os horizontes de busca pela autêntica liberdade, igualdade, paz e fraternidade, contrariando o poder de César e seus legitimadores no templo, que, por óbvio, eram opositores desse projeto salvífico, de vida digna para todos. Contudo, culminou com a ira dos sacerdotes, quando, no templo, Jesus condenou o “mercado religioso”, em nome de Deus. Resultado: por subverter os poderes econômico, político e religioso, foi um preso político, torturado e assassinado, depois de ter sido muito desafiado, perseguido e traído.

### **Referências**

- ARDUINI, Juvenal. *Ética responsável e criativa*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CASTILLO, José M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

---

<sup>35</sup> ESTRADA, Juan Antônio. *Da salvação a um projeto de sentido: como entender a vida de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 12.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p.43.

<sup>37</sup>BOFF, L. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 1972, pp. 31-32.

- CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- ESTRADA, J. Antônio. *Da salvação a um projeto de sentido: como entender a vida de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- JON, Sobrino. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*. São Paulo: Loyola, 1985.
- THEISSEN, Gerd. *Sociologia do movimento de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 1989.
- ARDUINI, Juvenal. *Ética responsável e criativa*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BOFF, L. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- DUPUIS, Jacques. *Introdução à cristologia*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- Exortação apostólica. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FUELLENBACH, John. Hermeneutics. In: FISICHELLA, Rino e LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994.
- L. MCKENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo. Paulus, 1983.
- N. Perrin. In: FISICHELLA, Rino e LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1994.
- O Evangelho [apócrifo] de Tomé 3. In: PAGOLA, José Antônio. *Jesus: Aproximação Histórica*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: Aproximação histórica*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SCHNACKENBURG. R. El testimonio moral del Nuevo Testamento. In: *Enciclopedia de la Etica e Moral Cristianas*. Madrid: RIALP, S. A. 1965.
- SEGUNDO, J.L. *A história e recuperação de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SOBRINO, Jon. *Centralidad del reino de Dios*. In: ELLACURIA, Inácio e SOBRINO, Jon. *Myterium Liberationes: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, v.1,1990.
- SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.